

um livro
de poesia

FICHA TÉCNICA:

Título original: *Um livro de poesia*

Autor: Diogo Alexandre dos Santos Nunes

Capa: Diogo Nunes

1ª edição, Cascais, Maio, 2010

Ler antes de ler

Vivemos num mundo frenético onde o tempo escasseia.

Se estás ansioso(a), apressado(a) ou com o espírito atormentado, peço-te que não avances. Seria como cheirar uma flor com o nariz entupido ou admirar uma paisagem através de um buraco de fechadura.

As coisas têm o seu tempo e altura. Não há mal nenhum nisso. Este livro demorou o seu tempo a ser feito: menos não chegaria e mais seria inútil. E teve também a sua altura: antes seria prematuro e depois seria inoportuno.

Por isso reflecte se esta é a melhor altura para o leres e se tens o tempo para o fazer. Se estás calma(o), relaxada(o) e o teu espírito concentrado e liberto, então nesse caso podes continuar.

Vou levar-te pelos meus pensamentos, opiniões, experiências e desabafos e espero fazer-te *pensar e sentir*.

Esquece o mundo, leva o tempo que precisares, mastiga bem as palavras antes de engolires, senão engasgas-te, cospes e deitas fora e nunca lhes chegaste a tomar o sabor.

Se respeitaste o meu pedido, autorizo-te a ler.
E então? Dás-te autorização?

Eu próprio, descrito por mim mesmo

Tu, que acabaste de chegar:
cheguei a apresentar-me?
Nesse caso, perdoa-me
e deixa-me começar.

* * *

Olá.

Chamo-me Diogo,
como tantos outros por aí.
Não passa de um nome,
vazio e insípido.

Sou Gémeos de nascença,
apesar de ser único
e quem diz que as estrelas nada dizem sobre nós
não podia estar mais enganado.

Quando em pequeno,
tinha horror a livros,
ainda mais a escrever.

Hoje, adoro ler e escrever...
como *um livro de poesia!*
O que eu me riria ontem
se soubesse o amanhã.

Nem tudo está nas nossas mãos
e muito tenho a agradecer
a um sem número de pessoas.

Desde logo,
fui abençoado com um amor de mãe.
Depois, os professores que me mostraram o mundo
e os amigos que nunca me abandonaram.

O meu grande mestre,
esse Pessoa,
que me tornou mais pessoa,
com todas as suas pessoas.

Não me considero nenhum intelectual,
mas para mim o saber tem um lugar especial
e aprender um pouco mais
nunca fez nenhum mal.

De todos os sentidos,
o que mais admiro,
é sem dúvida a visão.

Gosto de ver,
adoro olhar,
tenho medo de ser visto.

Sou um observador, por natureza,
e um observador da Natureza.

Gosto de tanta outra coisa,
de rir, de conversar, de debater.
Gosto de imaginar, de pensar, de sonhar.

Gosto de tanta coisa
que por vezes até me esqueço
de gostar de mim!

Confesso, sou um pouco complicado,
mas também tudo o que é óbvio não tem graça nenhuma!
Contudo, tento simplificar a vida sempre que posso...
talvez por isso tenha escolhido ver o mundo a *zeros e uns* ¹.

* * *

Este, sou eu.

Eu próprio,
descrito por mim mesmo.

Estamos assim apresentados.
Muito mais havia a dizer,
mas não o vou fazer.
(prefiro que sejas tu a descobrir)

Vá lá, estás à espera de quê?
Vira a página!

Até já, então.

(<i>anotado</i>)	16 / Novembro / 2008
(<i>acabado</i>)	06 / Dezembro / 2008

¹ Informática

Emoções

Dia especial

Hoje é um dia especial.

Como é bom ser filho!

Ter “alguém” com quem poder sempre contar;
“alguém” que nos protege e aconselha;
“alguém” que nos ouve e acarinha;
“alguém” para fazer rir e parar de chorar;
“alguém” de quem nos orgulhemos;
“alguém” com quem partilhar a vida...

Esse “alguém” é único, pessoal e intransmissível.

Esse “alguém”,
és tu,
minha mãe.

Obrigado.

03 / Maio / 2008

Mulher

Tu és e ninguém te perguntou.
Saiu-te a face da moeda que não escolheste.
Ao longo do tempo, vão-te fazendo a cabeça.

A tua vida é cor-de-rosa. Assim te fazem crer.
As histórias que te contam são cor-de-rosa
e os príncipes encantados.
Tudo o que te rodeia,
desde o cheiro do teu perfume
ao pente que te penteia
é rosa.

Não tardas a crescer e a vida a apresentar-se.
Já não é tão rosa. Já começa a acinzentar-se.

* * *

Tu és diferente deles.

Tu tens de te cuidar e de te arranjar:
o teu cabelo deve ser sedoso e deslumbrante;
o teu olhar deve ser colorido e cativante;
a tua cara deve ser sorridente e fascinante;
as tuas pernas devem ser macias e delicadas
o teu corpo perfumado e inebriante.

Tu és diferente deles,
que com um fato estão bem.

Tu tens de te vestir,
não conforme queres e te convém,
mas conforme a data, o sítio e com quem.

Tu tens de ser ofuscante. Sempre.
Se não fores, as tuas semelhantes reparam.
(e farão os possíveis para que também tu repares)

* * *

O tempo vai passando.

E comesças a ouvir falar de ser mãe
e acabas com uma centelha de vida nos braços.
Pelo caminho, só tu sabes o que sentiste e sofreste,
mas o milagre de dar vida a alguém é tão singular
que esfumaça qualquer sofrimento.

O tempo vai passando.

Trabalhas em regime de voluntariado.
És gestora, médica e jardineira.
És professora, psicóloga e costureira.
Não só limpas a casa, como enches o prato.
Fazes tudo isto com um sorriso nos lábios.

O tempo vai passando,
e tu vais tentando apagá-lo,
das mais diversas formas.

* * *

Tu és assim.
Tu és mulher.

Tu és trabalhadora, corajosa e forte.
És dedicada e delicada.
Tu és amiga, compreensiva e gentil.
És alegre e tagarela.

Tu és assim.
Tu és mulher.

* * *

Tu és como és.
Eu sou como sou.

Eu não sou melhor que tu.
Tu não és pior que eu.

Somos diferentes; somos complementares.
E por isso nos adoramos!

17 / Fevereiro / 2010
[para o Dia da Mulher]

Adoro-te

Adoro mesmo!

Adoro enlaçar os meus braços nos teus;
Adoro abraçar a tua silhueta;
Adoro segurar as tuas mãos;
Adoro acariciar-te o cabelo
e essa tua carinha;

Adoro beijar as tuas mãos;
Adoro beijar a tua face;
Adoro beijar-te;
Adoro.

Adoro sentir-te;
Adoro abraçar-te,
com razão ou sem nenhuma;

Adoro estar contigo e
adoro ter saudades;
Adoro quando mostras o teu sorriso e
adoro quando o escondes para eu te confortar.

Adoro falar-te,
mas especialmente,
adoro ouvir-te;
Adoro ouvir essa tua voz de encantar;
Adoro quando não falas
e me contento em adorar-te o olhar
(já agora, digo também: adoro os teus olhos)

Adoro completamente o teu exterior e
adoro igualmente o teu interior;

Adoro a tua maneira de ser:
Adoro a simpatia;
Adoro a bondade;
Adoro a compreensão;
Adoro, ainda, a tua paciência.

Adoro a tua coragem,
mesmo que não saibas
onde a vais buscar.
Adoro a tua ternura,
assim como adoro a tua delicadeza.

Adoro tanto as tuas palavras
quanto o coração de onde elas vêm.
Adoro tudo!
Adoro tudo aquilo que sei de ti;
Adoro tudo o que ainda me falta descobrir.
(Tudo me leva a adorar a tua mera existência.)

Adoro os teus “adoro-te”.
Adoro adorar-te.
Mas,
sobretudo e principalmente,

ADORO-TE!

20 / Dezembro / 2007

«Sinto-me feliz»

Sinto-me feliz.
Parece mentira, mas
sinto-me contente.
Não é normal, mas
sinto-me “optimamente excelente”!

Sinto-me tão bem,
mas tão bem (!)
que dou por mim
a pensar. Penso:

Será isto um sonho?
O mais belo e delicioso
sonho do mundo sonhado?
Irei acordar e constatar que tudo não passou de uma noite
bem dormida!?

DEIXEM-ME DORMIR!

03 / Dezembro / 2007

O primeiro mês

Não era fantástico
se tudo isto fosse verdade?

É, de facto, fantástico.

Um fantástico mês de alegrias, de emoções e de palpitações.

Um fantástico mês de adorações, de olhares e de intimidades.

Um fantástico mês de felicidades, de abraços e de laços.

Um fantástico mês de sonhos, de todos e de nada.

Um mês...

eu diria antes,

o *primeiro* mês,

em bom português.

16 / Janeiro / 2008

Se...

Fosse eu o vento,
eras tu as nuvens
que eu iria acariciar
a cada momento.

Fosse eu o mar,
serias tu a própria água;
sem ti, não seria
mais que poeira e ar.

Fosse eu um monoteísta,
eras tu a única venerada Deusa,
dotada de uma divinal beleza
de fazer inveja a qualquer Vénus,

Se eu fosse um artista,
pintor, poeta ou escritor,
tu serias o tema inspirador
de todas as minhas obras.

Se eu estivesse gelado,
tu serias a chama que se acenderia
no meu peito e que fenderia
todo o gelo com o seu calor dourado.

Se eu estivesse perdido,
tu serias a luz que me guiaria
que da escuridão me retiraria.

Fosses tu um ideal,
seria eu o idealista
que te cantava e defendia,
até que me executassem um dia.

Fosses tu a Terra,
seria eu aquela maçã
que em queda livre se atira
só para te poder abraçar.

Fosses tu um átomo,
seria eu um electrão,
sempre em teu torno a girar.
Nenhum *Joule* nos conseguiria afastar.

Se eu fosse um rapaz,
tu serias uma rapariga:
por quem eu teria
uma adoração fugaz;
com quem eu quereria estar
a toda e qualquer hora;
que me deixaria com a cabeça
completamente “à nora”;
que me faria sorrir, por mais
absorvido de tristeza que eu estivesse;
que me manteria preso à vida
se mais nada me agarrasse a ela.

11 / Dezembro / 2007

«És a melhor do mundo»

És a melhor do mundo
e digo esta afirmação
do fundo
do meu coração.

És querida, como nunca ninguém foi;
És linda, como nunca vi;
Não sei como vão ser as férias
todo este tempo longe de ti.

Junho / 2005

Não o direi

Não direi que és a mais bela,
nem a mais divertida,
nem a mais doce,
nem a melhor
do mundo
inteiro.

Há quem o diga
esses que são agradáveis e simpáticos,
esses que falam de
boca cheia de
nada.

Cai sempre bem dizer;
Cai sempre bem ouvir;
Mas será que também
cai assim tão bem
mentir?

Conheço tão pouco desse espaço imenso...
estaria a ser injusto com tantas outras por aí,
escondidas
por esse mundo fora, ao dizer tal coisa;
logo eu, que não suporto injustiças.
Não.
Não o direi.

E se um dia
me cruzasse com outra rapariga?
E essa sim

fosse a mais bela
e a mais doce
e em tudo, a mais?

Como achas que me sentiria?
Envergonhado, pois teria sido injusto com ela;
Revoltado, pois teria sido incoerente comigo;
Profundamente triste, pois ter-te-ia mentido
ainda que inconscientemente.

Mágoa sufocante!
Mentido? Não posso. Não a ti!
Não à rapariga mais doce!
Não à rapariga mais bela!
Não à melhor de todas elas!
Nunca te mentirei!
e por isso

NÃO O DIREI!

25 / Novembro / 2007

Conflitos

Não te posso ver!
Sempre que te olho,
como que instantaneamente,
prendes a minha mente.

Por mais que queira,
não me consigo movimentar.
Por mais que não queira,
não desvio o olhar.

Só um louco,
poderia ver-te
e desviar o olhar
logo a seguir.

Nem tem tempo de perceber
aquilo que está a perder!
(e ainda bem!)

Por favor, ajudem-me!!

Escondam-me esses topázios que me fitam
Tapem-me aquele sorriso deslumbrante!
... quero dizer, desconcertante!
(eu próprio o faria, se não estivesse imóvel)

Shhhh... não fales...
não fales que eu
não aguento ouvir
essa tua voz!

Porquê?

É tão doce, tão calma...
É tão meiga e tão bonita...!
Até com o Inverno mais frio
me derreteria, só de ouvi-la.

Estou perdido e encurralado,
não sei o que fazer com este fado... oh
não, lá vem ela
de braços abertos, lado a lado!

Agarrem-me! ... Salvem-na!
Senão é a desgraça
e nunca mais me separam dela!

Ris-te? Não sei onde está a graça!
Já percebi tudo:
não posso estar contigo.
“Fazes-me mal”, digo;
ao coração, sobretudo!

É verdade! Em cada
vez que te vejo;
vez que te oiço;
vez que te toco;
vez que te penso;

logo fica todo descompassado
com o ritmo todo alterado.
Boom-boom, boom-boom!
Se me acaba este, fico sem nenhum!

Basta ouvir o teu nome
e logo se apressa, como
uma locomotiva atrasada
a que se acrescenta
mais carvão à fornalha!

Se este desassossego
é o amor; se isto só acontece
porque estou apaixonado,
então nesse caso:

Arranjem-me mais carvão!
Dêem-me cabo do coração!
Brinquem com a minha mente!
Sussurrem-me aquela voz ao ouvido!

Deixem-me só poder estar com ela!
Deixem-me só poder abraçá-la!
Deixem-me só acarinhá-la!
Deixem-me só! Eu e ela!

Porque eu adoro-a!
Porque ela adora-me!
Porque nos adoramos!
Porque sim!

05 / Dezembro / 2007

Devaneios nocturnos

O teu nome,
não o sei.
A tua idade,
não a imagino.

Que importa isso?
Um olhar diz tudo,
mas não diz nada disso.
A tua aura diz tudo.
Para que é o resto preciso?

* * *

Tenho o sangue frio.
Apenas quente o suficiente
para não congelar de vez
e morrer totalmente.

E de que me vale isso?
De que vale viver
apenas porque se está vivo?

Isso não é viver...
é não estar morto!

* * *

Há quem beba café,
para se manter de pé.

Eu olho para ti,
para me manter por aqui.

* * *

Não sei o que fazer.
Sinto-me dividido:
parte de mim negou o amor,
parte de mim nunca o largou.

A quem hei-de ceder?

* * *

Há alguma coisa de especial em ti.
Algo que não é racional para mim.
Não o consigo explicar, não o consigo entender.
Como consegues o meu pensamento prender?

23 / Fevereiro / 2009
[à meia-noite, enquanto tentava adormecer]

Desde que seja tarde demais

Já sei que não pode ser...
mas queria-te aqui,
bem perto de mim.

Mas já que não pode ser...
quero-te ali,
bem longe de mim.

Não me digas para onde vais,
nem quando, nem porquê,
desde que seja
tarde demais
para poderes voltar
e tarde demais
para te poder alcançar.

20 / Junho / 2009

Reflexões

O que é o Amor?

O amor é uma doença.

Alguns podem achar
que é um pecado
comparar coisas tão distintas.
Será que são?

O amor é parecido com as gripes
e com as anemias em geral:
causa-nos tremores e suores;
deixa-nos fracos e debilitados.

Em certas alturas,
assemelha-se ao stress:
facilmente ficamos nervosos
com as mais inocentes e banais situações.

O amor é uma constipação:
dói-nos a cabeça e choram os olhos.
Por vezes, torna-se depressão:
ficamos tristes e pensativos.

Reconhecem os sintomas?
Eu bem vos disse!
Sou pessoa objectiva,
não hipocondríaca!

É uma doença matreira, silenciosa e fulminante,
escondida atrás das veias coronárias.
Sem aviso, desperta e toma controlo

da maior parte do nosso corpo!

O primeiro alvo? O coração,
por uma questão de proximidade.
Brinca com ele; joga com o seu compasso;
o sangue, esse, apressa o passo.

A doença acompanha-o;
sobe pela artéria pulmonar.
Enquanto passa pelos pulmões,
sofremos de uma breve apneia.

Regressa ao coração,
a esta catedral tão bem
construída e organizada,
com espaço para todos:

Quatro câmaras para albergar,
ao critério do indivíduo,
uma mãe e uma namorada;
um pai e um melhor amigo.

Que perfeita construção,
agora abraçada por esta moléstia
que a aperta e a constrange,
piorando a situação dos cardíacos.

Volta agora a sair, em direcção
à nossa sala de comando superior.
Afecta de tudo um pouco:
a razão, a lógica, a decisão.

Confunde o corpo e também os sentidos:
imagina borboletas no estômago;

cega a nossa vista... enfim,
um verdadeiro caos.

Nunca vi nada mais complexo;
quadro clínico mais preocupante.
Não se cura nem com remédios,
nem comprimidos, nem químicos,
nem com nada!

O amor é realmente uma doença.
(Pouco contagiosa, infelizmente)
Fosse ela um pouco mais fácil
de se transmitir e talvez...

Sei que estou doente.

Se um dia esta doença
me incapacitar de falar,
ou mesmo de pensar,
escrevo desde já a minha vontade:

Não me curem.

17 / Novembro / 2007

Namoro

Os olhares furtivos,
os risinhos furtivos,
os cochichos baixinhos,
os enredos das amigas,
tudo isso tão bonito.

As mensagens, as saídas, os encontros.
A ansiedade, os suores frios, os nervos,
as emoções, as descobertas, as decepções,
tudo isso que faz o sangue ferver,
tudo isso tão bonito.

A inocência, a ingenuidade dos gestos,
todas essas pequenas grandes coisas
que não importam a ninguém senão a nós,
que ficam no nosso coração e na nossa mente,
para todo o sempre;
tudo isso é tão bonito...
mais bonito que tudo,
senão até mais que tudo o que vem depois!

Tudo tão bonito...
Quero tudo isso outra vez!

05 / Dezembro / 2008

Problema dos A's

Amiga ou Amante?
Amizade ou Amor?
Será uma mera atracção
ou um *amor de perdição*?

Não sou perfeito
e este é um dos meus defeitos.

Não sei de que lado estás...
só sei que quero estar contigo e falar-te...
dizer-te que só quero...
nem sei como acabar esta frase.

05 / Janeiro / 2009

Subtilezas

Gosto de ser racional,
mas nunca descuido
as subtilezas e os simbolismos,
quer os haja quer não.

Esse é o meu problema...
pensar que um olhar
pode ser mais que um olhar,
quicá uma declaração.

Que mania esta,
a de ver as coisas
como elas não são.
Ou será que são?

* * *

Um olhar é mudo à audição,
mas para mim o teu,
gritou mil coisas ao meu
coração.

Se calhar, só eu as ouvi.

E mesmo que não calhe...
Soube bem enquanto vivi
nessa ilusão.
Foi bom o que sonhei,
o que senti ou imaginei.

E mesmo que calhe...
Não sei se o desejaria.
Não sei se alguma vez resultaria.
Não é fácil,
desejar algo não o querendo.

*O amor é um tesouro
que nem todos os baús encerram
e que nem todas as chaves libertam.*

Acho que perdi a chave...
Ou talvez não a queira encontrar...

04 / Março / 2009

Matemática do amor

Estou farto disto!
Que raio de matemática esta...
De matemática só tem o nome,
são mais as letras que os números.

Tudo se reduz a teoremas e teorias,
não há lugar a alegrias nem melancolias,
apenas há lugar para estas estranhas sabedorias.

Que sabem eles, esses sabichões?
Sabem tudo sobre nada, até ao dia
em que aparece alguém ainda mais iluminado
e tudo o que se sabia e estava estudado
descobre-se ser mentira ou ultrapassado.

Não consigo pensar direito,
bom... talvez não queira.

Só sei que não quero
tirar-te do meu peito.

Só sei que quero que habites
mais um pouco a minha mente.

Só sei que o meu amor por ti, tende...
« No limite, tende para...?
Tende para INFINITO, caro professor! »
Esta era fácil de responder.
Mais certa que um e um serem dois.

05 / Março / 2009

Amor dos Astros

Quando a lua se apaixonou pelo sol,
tudo no céu se iluminou;
tudo no céu se acendeu,
quando a noite conheceu o dia...

O sol encontrou a lua,
enquanto ela caminhava
por um jardim sozinha,
distráida, parecia que sonhava
– em plena Primavera.

A lua encontrou o sol;
ele olhou-a vagamente,
como se fosse um defunto,
mas o profundo olhar dela
fê-lo renascer
– em pleno Verão.

Em pleno Verão,
tudo no céu resplandeceu,
tudo no céu se acendeu,
quando o dia conheceu a noite!

Então ele disse:
“Será que me podia sentar contigo
e, por um bocadinho, conversares comigo,
se em troca do teu carinho,
eu te der um sorrisinho?”

Então ela disse:
“Por mim tudo bem,
mas de uma promessa eu preciso,
nunca me deixes sozinha
nem quebres o meu coração,
em pleno Verão.”

Bem, ele andava apenas a vaguear,
assim como ela também,
até que os dois se encontraram
e nunca mais se separaram.

Hoje encontram-se às escondidas,
sempre um atrás do outro;
as suas filhas perdidas
lembram o seu amor
enquanto brilham no céu nocturno.

De tempos a tempos,
lá lhes acedem ao desejo.

Por momentos, os dois,
se podem tocar,
se podem abraçar,
se podem beijar,
tudo num breve momento.

Por cá, toda a gente assiste à vagarosa aproximação,
toda a gente de olhos postos no céu,
enquanto os dois se cruzam
e mergulham a terra em escuridão.

Agora até à próxima,
aguenta coração.

11 / Abril / 2009
[inspirado na música "When the day met the night"
dos *Panic! at the Disco*]

Beginning of the End

Tudo tem um início
assim como um fim.

O dia acaba com a noite
e a noite acaba com o dia.

O tempo esgota-se
muito antes do dia.

A vida acaba-se
e quem sabe se a morte também.

A matéria não é eterna,
todos sabemos disso.

O Sol apagar-se-á...
até o Universo colapsar-se-á!

Mas uma coisa te garanto:
esta chama interior,
que arde só por ti,
NUNCA extinguir-se-á!

13 / Janeiro / 2009
[enquanto “estudava” Álgebra]

Música que m'enlouquece

Oh! que música tão bonita,
fantástica e gira!

Como adoro esta música!

Os seus graves
que acordam o coração;
Os seus agudos
que despertam em mim emoção.

O seu ritmo ofegante
que me faz saltar da cadeira;
O seu ritmo calmante
que me faz uma certa soneira.

E ainda temos as vocais,
outras que tais,
que não me deixam indiferente.

E, subtilmente,
tudo isto se aloja
na minha mente.

Mas esta vida não é só prazer e deleite;
É também, por vezes, preciso trabalhar
e *agora* é uma dessas vezes.

[minutos depois]

(...os graves ressoam e ecoam
dentro da minha cabeça...)

(...os agudos, estremeando e vibrando,
a minha concentração vão arruinando...)

Sim, és engraçada...
mas agora deixa-me sossegado!

[poucos minutos depois]

(as vozes chamam,
vão chamando por mim;
as mesmas que, docemente,
me prendem o pensamento)

Outra vez?!
PÁRA! Sai! Deixa-me!
Este teu pobre escravo
não pode mais contigo.

Os teus graves assustam-me,
os teus agudos arrepiam-me,
o teu ritmo martela-me
e a tua voz enlouquece-me.

Como odeio esta música!!

(*anotado**) 14 / Junho / 2008
(*acabado*) 17 / Julho / 2008

[*enquanto estudava para o exame de Matemática]

«Vida de estudante»

Vida de estudante...
Não há vida mais viva.
Não há vida mais desgastante.

pi-pi-pi... pi-pi-pi...
acordar ao som do despertador,
o amigo número um do estudante.

Começar a manhã
a competir com o sol.
Acordar mais cedo que ele.
(preguiçoso...)

Vestir e comer pelo caminho
até à paragem do bus.
Estrada solitária.
Hora mágica.

Aguardamos e pensamos e vagueamos...
deixamo-nos levar.
Percebemos que deveríamos ter dormido mais,
que não devíamos ter estudado até tão tarde,
enquanto escutamos as estrelas
e a lua nos vai sorrindo.

Um conjunto de ronronares mecânicos,
estalos e sopros despertam-te,
lá vem ele,
não nos viu.

(ainda é de noite... grande sorna)

Acorda, corre, despacha-te.
Tiveste sorte, desta vez.
E enquanto viajas, absorto com a rua ensonada,
pensas no próximo transporte a apanhar.

Ainda há tempo
– não muito –
para conversarmos com um amigo ou outro,
sobre um assunto ou outro,
até o professor passar por ti.

A sua voz distante
ecoa nas paredes do anfiteatro
e, com um esforço sobre-humano,
presta atenção.
(perceber o que se diz,
já é outra questão)

E após várias aulas seguidas,
há que tomar o caminho de regresso,
projectar a tarde de estudo
e pensar no tão ansiado “almocinho”.

Logo após a refeição
já estás de novo a trabalhar,
a estudar o que não percebeste,
a praticar o que percebeste...
A oferta de tarefas a realizar é grande,
nem sabes por onde começar...
(assim fosse também o tempo disponível)

Vá, não desanimes
quando dás por ti a fechar os olhos.
Fazemos uma pausa de dez minutos?
Vá, descansa lá rapaz.
Sim, são só uns minutos...
e nem precisas fechar os olhos
que eles fecham-se por ti.

* * *

Olá de novo, sonhador,
é melhor nem olhares o relógio
ou vais perceber que já se passou uma hora.

E o dia chega ao fim,
exausto, saturado, frustrado,
só se fez metade do que se precisava.
Fica para amanhã...
e assim se vai acumulando.

* * *

Não há vida,
não há tempo,
não há eu.

Só há escola,
só há trabalhos,
só há livros.

Tanta coisa nova que aprendo,
tanta coisa velha que me esqueço...
o que é ler um livro? o que é jogar um jogo?
o que é ver um filme? o que é escrever a alma?

Esqueço-me do significado dessas palavras.

Ócio... o que será isso?
Deve ser algum tipo de ópio, sei lá.
O melhor é nem experimentar,
posso depois não conseguir largar.

*“Esta vida não é para quem quer...
é para quem pode!”*

29 / Novembro / 2008

Férias

Finalmente férias!

Como está Sr. Tempo?
Há quanto tempo não nos víamos?

Finalmente posso fazer
aquilo que entender
sem ter horários nem pressões,
fazer tudo sem complicações.

Com tanta coisa adiada,
nem sei por onde começar.
Podia ir ler algo de que realmente gosto.
(estou farto de sebatas)
Podia ir escrever algo que realmente sinto.
(estou farto de provas escritas)
Ou podia ir fazer qualquer outra coisa
que não posso fazer senão em férias...
como perder tempo, por exemplo!

É isso.
Hoje vou tirar o dia.
Depois de tanto tempo há procura do tempo
– e de o ter encontrado finalmente –
vou perdê-lo!
Deliberadamente.

Hoje vou:
...escutar as paredes a rachar,
...ver a relva a crescer,

...observar a tinta a secar,
...ver os livros amarelecer,
...fitar o pó a assentar,
...descobrir quantos grãos de areia tem a praia,
...ou quantas gotas de água tem o oceano.

Estou de férias
e por isso vou fazer
o que bem entender:
tudo é uma hipótese válida...
até mesmo nada.

01 / Março / 2009
[último dia de férias]

Tempo

Depois do ouro,
do ouro branco
e até do ouro negro,
eis o ouro incolor,
que nem sequer se vê.

Toda a gente tem falta.
Toda a gente o perde.
Toda a gente o procura.
Ninguém o encontra...
para nada.

E no entanto,
toda a gente o tem,
em igual medida,
desde o nascer do Sol,
ao pôr da Lua.

19 / Outubro / 2008

O amor torna qualquer um poeta

« O amor torna qualquer um poeta... »²

É uma pena que assim seja.
Mas quanto mais o tempo passa,
quanto mais tempo penso nisso,
mais eu vejo que assim é.

Eu que pensava até ter jeito para a coisa
descubro agora que a fonte desta poesia afinal
não é um talento inato
mas algo mais rebuscado.

Custa-me a crer que não passo de um mero banal,
entupido e drogado
por esta droga fenomenal.

Isso explica a falta de inspiração
e o vazio de emoção
que dominam
minha mente
e coração.

Esta droga chamada *amor*...
Há meses que não lhe tomo o sabor...
Há tempos que não arranjo novo fornecedor...

27 / Junho / 2009

² Citação de George Santayana

Moda mandante

Age.

Não há *ser*, apenas *ser como*.

As ideias não são tuas, nem os gestos e as posturas.

Contudo cooperas, mesmo sendo a decisão só tua.

Cala.

Os teus dizeres ou pensares.

Fala.

Serás um mero eco sem recusares.

Come.

Não o que faz bem a ti mas a mim.

Aquilo que te prende e te sacia a mente.

Veste.

Não o que te aquece mas o que bem parece.

Não o que te assenta nem o que a tua mente te tenta.

O que eu imponho silenciosamente e não o que te apetece.

Aceita.

Não penses muito ou nem o faças sequer.

Abana a cabeça da forma que eu disser.

Enche-te, esvaziando-te de ti.

Morre.

Se queres viver, precisas de te matar primeiro.

De esqueceres o *eu*. De renasceres meu.

Porque eu, moda, mando.

Porque tu me mandas mandar.

17 - 19 / Setembro / 2009

Eu sou para quem?

Eu sou para quem?

Sou para mim?

Sou para ti?

Sou para vós?

Sou como sou

ou como querem que seja?

Para que me visto?

Para me aquecer ou para me mostrar?

Visto-me ou vestem-me?

Para que serve o meu corpo?

Para funcionar ou para deslumbrar?

* * *

Observo o *ideal* de jovem

que supostamente deveria ser...

e, sinceramente, é algo que me faz

verdadeiramente entristecer.

É suposto eu ser como... aquilo?

Poupem-me.

Gostos não se discutem,

mas a integridade da minha personalidade discute-se.

Não quero ser um escravo das idiotas e inúteis modas.

Não quero ser apenas o reflexo que querem que seja.

Julho / 2009

Diferente do Igual

“ Todos diferentes,
todos iguais.”
(uns mais que outros)

Tento por todos os meios
ser diferente do banal,
não ser igual à multidão,
ser especial no meio de tanta gente.

Não quero ser previsível,
prefiro ser... insubstituível!
Não quero passar despercebido
e no entanto... não quero eu outra coisa.

Tento por todos os meios
não dar muito nas vistas,
ser mais um na multidão,
desinteressante ao olhar desatento
e até talvez ao pensamento.

Não gosto de ser mostrado,
de ser posto em evidência,
o que não mostra da minha parte,
lá grande coerência.

Passo despercebido,
sem que ninguém tenha curiosidade
de bater à porta, de levantar o véu,
de me conhecer realmente.

E no entanto, tento sempre
evidenciar-me dos outros
através de quem sou,
do que faço e de como o faço.

Eu sou assim mesmo:
não posso ter o ying sem desejar o yang.

E apesar de não parecer franco,
é a mais pura verdade.
Caso contrário,
esta folha ainda estaria em branco.

12 / Junho / 2009
[véspera do teste de Cálculo]

Alguém me viu?

Raios! Quero escrever e não consigo!

Cheio de vontade. Vazio de inspiração.
Cheio de dúvidas. Vazio de certezas.
Vazio de emoções, até de conhecimentos.
A faculdade faz-nos sentir estúpidos.
Não me consigo concentrar, nem estudar,
nem pensar, nem sonhar... tiraram-me tudo.

Que se passou, que não dei por nada?
O que me prende à vida afinal?
Pelo que vivo eu? Estarei vivo sequer?
Que se passa comigo? Que foi que fizeram comigo?
Esta escola não me está a ensinar... está a atrofiar-me!
E as letras, para onde escaparam?
Que é feito do meu sangue, de outrora, agora agüado?

Levem-me até mim.
Libertem-me. Acordem-me. Encontrem-me.

Por favor, alguém me viu?

13 / Abril / 2009

O drama da folha branca

O drama da folha branca.

Por mais intensamente que olhe esta folha,
ela não muda nem de forma nem de cor,
cada vez me parece mais branca.

Olho para a ponta da caneta com que escrevo
mas a tinta não se liberta sozinha.
A tinta não escorre
nem do seu interior
nem do meu interior.

Eu espero que a caneta me guie a mão...
mas não deveria ser o oposto?

20 / Junho / 2009

É pedir muito?

Um encontro, um abraço
uma conversa, uma palavra,
um olhar, um gesto,
uma carta, uma mensagem,
um sinal... algo.

É pedir muito?

Se eu nada faço, nada acontece.
Se eu combino, ninguém aparece.
Se eu pergunto, ninguém responde.
Se eu choro, ninguém repara.

É pedir muito?

A cada dia que vai passando...
Cada vez mais frio, mais solidão.
Cada vez menos amigos, menos coração.
Ninguém se manteve firme, fiel.
Ninguém se manteve por perto.
Ninguém se manteve.

Porquê? É pedir muito?

Serei assim tão exigente?
Sou assim tão substituível?
Até aqueles que julgava especiais, diferentes,
me dão as costas com a mesma indiferença dos outros.
Causam apenas uma dor especial.

O mundo é uma imensidão vastíssima.

Cada vez parece mais imenso, mais vazio, mais frio, mais triste.

Em tantos biliões de pessoas...

Não há uma que se preocupe comigo?

Não há uma que não me abandone?

Não há uma que me aqueça?

É pedir muito?

03 / Agosto / 2009

Não sejam o que são

não sejam simpáticos comigo

sejam **incompreensíveis**, sejam **tendenciosos**
sejam **egoístas, narcisistas, preconceituosos**

sejam **exagerados** e **directos**

sejam **funestos** e **indiferentes**

sejam tudo isso e o que **MAIS** vier às vossas mentes

mas façam o favor de serem **honestos**

é tudo o que vos peço

não quero amigos por simpatia
já me chega de hipocrisia

prefiro
viver na certeza de não ter amigos
do que
morrer na ilusão de os ter.

(*anotado*) 19 / Agosto / 2009

(*acabado*) 18 / Setembro / 2009

Tributo à amiga

Obrigado.

Obrigado a ti, amiga,
por me fazeres falar, rir, gargalhar.

Obrigado por me ouvires,
ou fingires a atenção,
e comigo conversares
sobre os temas que gosto,
os assuntos que te preocupam
ou nada de nada.

Por me fazeres pensar, sentir, sonhar.

Obrigado
por me fazeres mais feliz
por cada vez que te ris.

Mas obrigado especialmente,
por me fazeres sentir importante,
por me fazeres sentir necessário
e não dispensável e desinteressante,
por me incendiaries a mente
e acalmares o espírito.

Obrigado por me fazeres falta.
Obrigado por me fazeres sentir
que te faço falta também.

Por muito mais que escrevesse
nunca seria suficiente.
Portanto, por tudo isto e ainda mais...

Obrigado.

14 / Julho / 2009

Tributo ao sonho

Obrigado.
Obrigado a ti, sonho,
por me fazeres viver
aquilo que não consigo
quando acordado.

Por me fazeres ver
aquilo que poderia ser,
dizer e fazer...
e que por falta de alguma coisa
ou por excesso de alguma outra
não sou capaz de concretizar.

Por me alegrares a noite
e assim o dia
e assim a vida,
através da esperança,
através da imagem,
reflexo de um pensamento,
de um mundo melhor,
de um mundo meu,
de um mundo nosso.

« *Que era de nós se não sonhássemos?* » ³

Por muito mais que escrevesse
nunca seria suficiente.
Portanto, por tudo isto e ainda mais...

Obrigado.

05 / Junho / 2009

³ Citação do livro *Memorial do Convento* de José Saramago

«O ser humano é um ser curioso»

O ser humano é um ser curioso.

Toda a complexidade indescritível da sua vida
pode ser descrita por um simples círculo.

(a Matemática tem destas coisas, discreta como ela é,
aparece quando e onde menos se espera)

Talvez algumas vidas fossem melhor descritas por uma
circunferência,

as que são vazias, de interior, de substância.

Dadas por $x^2 + y^2 = r^2$.

Primeiro, o nada – tudo é escuridão.

Mal vivemos, repousamos, curvados,
encolhidos, enrugados,
em paz na nossa mãe.

Depois nascemos, chega a luz – um sem fim de sentidos e
emoções.

E vamos crescendo... e vivendo as mais diversas situações;
cada vez mais direitos, mais altos, mais sábios (ou não).

E vamos caminhando, correndo por vezes como que
fugindo.

Já não somos o que éramos, já não seremos o que queríamos
ser.

O tempo que foi passando passou.

Já não há muito que crescer, nem que aprender.

Vamos curvando novamente, prostrando,

com o peso de uma vida às costas,

encolhendo e esquecendo o que aprendemos e vivemos.

Estamos de novo curvados, a luz que nos chega é pouca,
mal conseguimos falar, tal como no início.

Por último, o nada – tudo é escuridão.

Mal vivemos. Vivemos mal?
Repousamos, novamente, encolhidos, curvados,
enrugados agora pelo tempo,
em paz na nossa mãe – a mãe Natureza.

Um círculo fechado
– tal como a equação –
uns mais cheios que outros.
Um ciclo fechado.

Outros se abrirão?
Qual será a sua expressão?

13 / Maio / 2009
[inspirado num idoso amoroso do autocarro]

Pena da pena

Morreu.

Uma pena...

Coincidência ou não,
foi precisamente *uma pena*
que o levou ao eterno chão.

A minha autópsia é precisa
e sem qualquer margem d'erro:
não foi enfarte, nem paragem;
foi uma pena, isso sim!
Alojou-se no peito.
Parou de respirar.
A pena sufocou-o.
Até à morte, o asfixiou.

(bem sei que não é costume uma pena matar,
mas nestes, de mente fraca,
é bastante usual uma pena ser fatal.)

Vejo que rapidamente se cansou
e que de nada lhe valeu o seu (preguiçoso) esforço.
Talvez tenha sido por isso mesmo
que se perdeu, este (preguiçoso) moço.

É curioso... como uma simples pena
ceifa tão facilmente uma vida;
É curioso como uma leve pena
se apodera assim de uma vida.

Talvez esta pena não fosse assim tão leve...
e talvez não fosse assim tão fácil de suportar
o seu peso e a sua massa alojados,
em simultâneo,
no peito.

Curiosa a natureza desta pena.

No final de tudo isto,
só tenho pena
de não ter avistado a real pena
que sucumbiu este corpo.

Calculo que o último sopro de vida,
ao deixar este invólucro a que chamamos corpo,
a tenha feito levantar vôo,
ao deslocar o ar atrás de si.

Mas que pena...

(*anotado*) 24 / Março / 2008
(*acabado*) 22 / Maio / 2008

Estou confuso

Estou confuso...
Sento-me numas rochas.
Observo o Sol difuso.
O seu brilhar de mil tochas.

Observo o mar...
É de um azul profundo, infinito!
Como tudo isto é bonito!
Adoro esta paisagem contemplar.

Subo o olhar...
Mas que vejo eu?!
Estarei a sonhar?
“Endoideceu?”

Por cima de mim, mais maresia!
Idêntica. Apenas se denotava uma maior calma.
Aqui e ali uma onda rebenta
Deixando uma nuvem de espuma branca.

Desço o olhar...
Será céu, o azul oceânico que ondeia?
Serão nuvens, o branco que vejo rebentar?
Não passará tudo isto de uma ideia?

Estarei de pernas p'ró ar?
Ou o mundo inteiro virado do avesso?

Estou confuso...

5 / Junho / 2007

Ladrão que rouba ladrão

*Senhor Engenheiro,
dê-me um pouco de atenção.* ⁴

Somos colegas de profissão:
eu ladrão, você aldrabão.

Há dez anos que estou preso
por assaltar a vizinha
da mãezinha do meu amor.
Já não fui a tempo da nova lei
que para mim está um primor!

Por isso ponha-me fora
que aqui faz muito calor.
Quero ir ter com os meus colegas
partilhar do seu furor.

Tanta gente a roubar
e só eu é que vim cá parar.
Ora, prenda todos os seus companheiros,
cá caberão todos, neste sítio onde me fecharam.

Pode ser que assim melhorem as condições,
estou farto da comida e dos chuveiros,
isto é tão deprimente e entediante,
até parece uma prisão!

⁴ Excerto da música “Sem eira nem beira” dos *Xutos e Pontapés*, que serviu de inspiração.

E os meus colegas lá fora,
sempre na diversão!

Isto é uma vergonha, ainda dizem uma democracia.
Todos roubam, todos matam sem mais não.
Todos enganam, mesmo à frente da polícia.
E eu aqui trancado, aborrecido noite e dia.

Também tenho direito a poder gamar!
Os seus amigos que tenham calma, na altura de usurpar,
pois também quero ter algo com que trabalhar.
Ou não me diga que quando sair, já tudo foi roubado.

E por causa de um seu amigo lambão,
perco o meu ganha pão, a minha carreira de ladrão,
e você ganha mais um desempregado.
E agora com o meu currículo afectado,
quem é que me vai querer?
Estou algo destreinado, não sei se ainda o sei fazer.
Aquela estadia na prisão, retirou parte do meu valor.

Diga-me lá, Senhor Engenheiro,
não precisa de nenhum assessor?

19 / Abril / 2009

Além-Tejo

*dedicado a Alberto Caeiro
e ao povo mais maravilhoso do mundo inteiro*

Planície alentejana...
Planície dourada verdejante.

Se sol é vida,
o que será esta terra solarenga?

A manhã é calma,
os pássaros cantam
e a aldeia se levanta.

Começam a ver-se os madrugadores
caminhando pelas ruas laranjas,
saindo das suas casas brancas.

Depressa, não se vê vivalma
nem canitos, nem mocitos
nem garotas, nem marotas.

'Tá pois na hora
do recolher obrigatório.
Posso ser de Ferreira
mas não padeço de parvoeira!

Cá vou, andando,
abrindo caminho p'lo mato.
Ouvem-se as espigas cantando.
Olha o ouro reluzindo!

Esta é a minha riqueza...
está à vista de todos
e só aos sentidos pertence.
Lá estou eu pensando, novamente.

(Como é bonita esta terra,
onde pequenos sóis brotam do solo
procurando um Sol maior)

Bem, deixemo-nos de canseiras.
Não é pensando que o trabalho se faz.
Hoje a obra é grande e
hoje tem de *sê fêta*.

...

Mais um Sol se põe,
mais um dia se passou.
Anda daí amigo,
qu' é a vez da noite trabalhar!

Aaaanda, canito d'um raio!

14 / Junho / 2008

Coração chuvoso

Outro dia cinzento chuvoso
e eu novamente desgostoso
choro, choro, como a chuva que cai
que pinga, pinga, constantemente
e me molha o coração
cinzento, sem emoção
e me acidifica a mente.

27 / Julho / 2009

«É doloroso escrever»

É doloroso escrever.

Esta ponta afiada
com que escrevo
vai buscar a tinta ao meu coração,
cortando-o e dilacerando-o,
socorrendo-se à amargura e tristeza
nele escondidas e trancadas,
escorrendo sangue e lágrimas,
transformando-os em tinta
que com firmeza
pinga da caneta
e pinta o papel.

...

Já chega de escrever.
Já chega de sofrer.

09 / Agosto / 2009

Desabar

Às vezes

Canso-me, de tudo, da vida.

Apetece-me cair, deitado no chão.

Ali ficar, em baixo – literalmente – e inerte.

Absorvido pela inércia e depressão,

Esperando que alguém me levante (o coração).

Às vezes

Perco a cor da vida

E vejo-a numa escala de cinzentos.

São penosos todos os momentos

Em que espero por ti, minha paleta de cores,

Pelo teu abraço colorido que nunca chega.

Afundar-me nos teus braços perfumados,

Enquanto me aqueces e me pintas.

...

Felizmente, é só às vezes.

Infelizmente, é às vezes.

25 / Dezembro / 2009

Sem se ver, sem uma lágrima verter

choro,
sem se ver,
sem uma lágrima verter
escorrem por mim adentro
sem se mostrarem

à medida que passam,
vão agravando a erosão,
escorrendo gotejando,
vão-me polindo, desgastando,
como se não bastasse a acção do tempo

vão-me matando sem me matarem
à medida que passam
levando consigo a cor dos dias, das emoções da vida
apagando as chamas, velas e velinhas
que timidamente aqui ardiam.

* * *

Tão estúpido este (meu) mundo,
de pernas para o ar e braços para o chão,
a fonte que me devia curar
é quem precisamente me anda a definhar.

01 / Janeiro / 2010

Guerra

Que teatro mais macabro!

Juro que não percebo
esta antiga arte contemporânea.

O pano branco levanta-se,
sem grande esforço,
sem dar-mos por isso.

E quando damos,
já a peça vai adiantada
e não podemos fazer nada.

As personagens pouco falam,
salvo raras exceções
que em breve chegarão.

Não há dúvida que o encenador
é um bom profissional:
chega a parecer real o ficcional.

A peça invade-nos os sentidos,
entre outras coisas mais,
e a sua intensidade torna-se demais.

A poeira não é artificial.
As fugas não são encenadas.
A explosão não é efeito digital.
As mortes não são representadas.
As balas (certeiras) não são de borracha.

O sangue não é molho de tomate.
Não é de esferovite a parede que racha.
E os gritos – que agora já se ouvem –
não são cantados por coristas treinadas,
mas por mães desesperadas.

Aqueles que hesitam
– que pararam para pensar
antes de puxar o gatilho –
já nem sabem o argumento da peça,
apenas que esta tem de continuar.

Que a única coisa que importa,
se e quando tudo isto acabar,
quando o pano já vermelho cair,
é que pelo menos eles restem de pé
neste cruel

teatro de guerra.

29 / Julho / 2008

Vidas de Sonho

Cuidado com a intensidade
com que vês um filme,
ou lêes um livro,
ou sonhas o futuro.

Porque lá no fundo
todos queremos algo mais;
todos queremos algo que não podemos ter;
todos queremos algo que desconhecemos.

Mais facilmente desejamos algo que não temos,
que agradecemos aquilo que temos.

Podes passar a tua vida inteira à procura de algo
– algo que pode estar mesmo à tua frente –
mas vais querer algo mais,
algo que nunca encontrar vais.

Vais desejar ser como ele;
desejar agir, desejar vestir,
tal e qual como ele,
como outra pessoa.

E não consegues parar de pensar,
por mais que isso te doa,
em ser alguém que não tu.

E se te realizassem o impossível?
E se pudesses mesmo tornar tua aquela vida?

Só desejarias ter a vida daquele,
aquele rapaz ali,
aquele que outrora foste tu
e nem te apercebeste
do que tinhas e perdeste.

* * *

O sonho é fascinante e poderoso.

Não deixes que ele te ganhe,
ou em última instância já
nenhuma outra vida te chegará,
apenas outro mundo.

Cuidado.

Esta é a última fronteira,
a derradeira barreira.
Mais um passo descuidado
e darás por ti mergulhado
na mais eterna escuridão.

Por mais tentador que seja, eu sei,
não te deixes levar pelo idílico sonho
que tudo empalidece e ofusca;
ou terás mais vontade de dormir eternamente
que de viver plenamente.
É tão fácil sucumbir à tentação.

16 / Abril / 2009

[inspirado na música "Something else" dos *Good Charlotte*]

Poema aos esquecidos

A princípio era a escuridão.

Depois de uma grande explosão,
libertaram-se todas as galáxias e estrelas,
gases e poeiras, luas e planetas.
Assim se formou, nesta perfeição,
o grande e imenso universo.

Neste hostil e perdido planeta,
nasce um fragmento de vida
– uma célula – que tenta sobreviver
e, depois desta muito se desenvolver,
temos um Adão e uma Eva.

* * *

À nossa volta, tudo é perfeição:
se não, ponham os vossos olhos na máquina “Homem”!
(Não poderiam ter entregue melhor corpo à nossa alma.
É uma maravilha de criação, nem tem hipótese de imitação.)

Reparem nos ossos e nos músculos.
Reparem nos órgãos, cada um perfeito na sua função.
Reparem nas hemácias e nos leucócitos
e os seus elaborados e funcionais sistemas.
Notem a física e a química
deste fascinante organismo.

* * *

Em certos aspectos, somos uma espécie bem
ignorante, desatenta e simplória.

Alguma vez
paraste para olhar o céu?
Para observar os farrapos de nuvens a deslizarem no pano
azul?
Ou à noite, para contemplar as estrelas e seu o cintilante
brilho distante?

Alguma vez
te deste conta da perfeição que é a Lua,
sendo bem menor que o Sol,
ter o mesmo tamanho (aparente),
do Sol gigante?

Alguma vez,
na tua manhã agitada e atarefada,
paraste para escutar o cantar do pintassilgo
ou para corresponder à curiosidade do melro fascinante?

Alguma vez
apreciaste realmente
o ar que respiras,
a água que bebes,
o sabor de um fruto,
a tranquilidade de uma floresta,
a cumplicidade de um animal,
a silhueta de um ser vivo,
a companhia de um(a) amigo(a),
os olhos de uma pessoa?

Alguma vez?
Então de que estás à espera?

Se ousares, como eu,
percebes que o céu etéreo não chega com a morte mas com
o nascimento.

E assim sendo, só podes concluir, como eu,
que, neste preciso momento, lês descontraidamente um
poema no paraíso.
(chegaste lá mais depressa do que contavas, aposto!)

Isto explica a maravilha de tudo o que nos rodeia.
Então e aqueles odiosos desprezíveis que nos magoam e aos
outros?

Que fazem eles no paraíso? – perguntas tu (e com razão).
Bem, temos de ser justos:
ao nascer, todos têm a oportunidade de ganhar o direito à
estadia no céu.

Aqueles que se pervertem pelo caminho,
a própria vida encarregar-se-á de os punir, mais cedo ou
mais tarde.

Mas atenção,
não quero que te tornes num receptor inanimado e passivo,
qual estado vegetativo!
Não!!

Cabe-nos também a nós,
sermos jardineiros deste Éden maravilhoso e cuidar dele.
Protegê-lo, protegendo-nos.

09 / Agosto / 2008

Quarto Minguante

São quatro as fases da vida:

Em crianças, somos livres e brincamos até mais não;

Em jovens, crescemos e estudamos para ter uma vida boa;

Em adultos, vivemos o que se pode e trabalhamos até não
poder mais;

Em idosos, descansamos finalmente e tentamos aproveitar
estes últimos dias.

Seria assim num mundo ideal

e assim foi há não muitos anos atrás,

porém na actualidade já não é bem igual:

Em criança, brinquei enquanto me deixaram;

Em jovem, cresci como pessoa e estudei até queimar as
pestanas;

Em adulto, fiz das tripas coração, para em casa não me faltar
o pão, trabalhei que nem um cão e roubaram-me à discrição.

Em idoso, não tenho reforma para sobreviver nem planeta
para usufruir.

De que me valeu o esforço?

De que me valeu ir morrendo aos poucos,

à medida que ia vivendo um pouco mais?

(para me ser mais fácil morrer de vez?)

De que valeram os avisos?

De que valeu falar se não havia ninguém a escutar?

De que valeu o privilégio de viver numa era de avanços
se o maior avanço foi em direcção ao abismo?

Quem teve tempo

de usufruir desses avanços fascinantes?

Não tive privilégio nenhum. Antes pelo contrário.
Tive o azar de viver na era do genocídio global, do suicídio
mundial.

Se tive o privilégio de alguma coisa,
foi o de ouvir o último suspiro
de uma espécie com mais de quatro milénios de existência,
se é que isso é um privilégio.

03 / Setembro / 2008

The End

“O fim aproxima-se.”

Nunca no tempo
esta frase fez tanto sentido.

Outrora,
apregoavam essas histórias de embalar
para o mundo converter (e aterrorizar).

Agora,
os pregadores mudaram,
os ouvintes ficaram,
mas ouvidos quem os tem?

Tenho-os eu.
E oiço.

Oiço um barulho apressado.
Oiço um veículo ser puxado.
E vejo o céu tremendo e longínquo que o persegue.

Distingo uma carruagem demoníaca
que está cada vez mais próxima.
Lá vem ela sendo puxada
pela renovada quadrilha demoníaca.

Quatro cavalos precedem a carruagem de quatro rodas.
Não se notam cordas contra o fundo negro do veículo.
Eleva-se, atrás dela, uma nuvem de poeira
que se distingue no negro céu trovejante.

À minha direita, vejo um cavaleiro.
Cavaleiro esse que cavalga no seu cavalo castanho-escuro
como café.

Segura uma pena na sua mão esquerda
com a qual enche as cabeças de merda,
tornando-as não férteis, mas estéreis.

Um relâmpago rasgou o céu.
Esta luz momentânea reluziu numa outra personagem.
De certeza, não se trata de nenhum pajem,
basta atentar na maneira pomposa deste se deslocar e
vestir.

Não admira que o seu cavalo dourado
– mais dourado que o próprio ouro –
tenha brilhado sob a luz dos céus, e no entanto
quase que é ofuscado pelo requinte de quem o monta.
As suas vestes esvoaçantes
eram também elas douradas e de jóias incrustadas, assim
como os dedos,
tão exageradamente ornamentados que davam vontade de
dizer:

vão-se os dedos, fiquem os anéis.

No conjunto, e visto de longe,
assemelhava-se a uma peça, um cavalo de ouro maciço
saído do tabuleiro mais exuberante da história.

Depois deste,
é inevitável não falar deste outro.
Do outro lado da negra carruagem,
mais à sua direita,
segue outro cavaleiro
na sua montada vermelha
cor-de-sangue.

Também ele se veste bem,
(não tão bem, claro)
e a sua expressão
raivosa
era temerosa.

Dava agora para ver a do seu colega dourado, bem diferente
da sua,
sorrindo com dois olhos ávidos e arregalados, como se
quisesse engolir o mundo e este não chegasse.

A ambos, foram-lhes dadas duas espadas:
uma ao vermelho, para defender tudo o que agora era seu,
uma ao dourado, para saquear tudo o que ainda não fosse
seu.

A cada momento,
aquela caixa de morte mais se aproxima.
O céu – trovejante, negro e tempestuoso – já não é o mesmo.
Os *cumulus nimbus*, que escureciam o céu,
tornam-se cada vez mais avermelhados
e agora já se vêem zonas amareladas,
apesar dos contornos das nuvens continuarem negros como
cinza.

O céu ardia perante nós!
O inferno cavalgava até nós!

O último cavaleiro,
primeiro entre eles,
braço direito da carruagem,
era o mais estranho de todos.
É difícil definir a sua cor...
por mais que lhe fixe no olhar
(e por mais que isso me custe),

juro que nunca conseguirei definir
com exactidão a sua cor.
(Talvez isso faça parte da sua natureza.)
Mas consigo definir a sua expressão: sorri.
Sorri de forma infantil, nada inocente,
como se lhe realizassem um desejo
há muito guardado na sua malévola e hábil mente.
Essa é a sua arma.

Estes são os quatro novos cavaleiros:
Ignorância, Ganância, Egoísmo e Hipocrisia.
Quatro pecados humanos (deveras mortais) materializados.

Fomos nós, quem os criou;
Fomos nós, quem os alimentou;
Fomos nós, quem a tempo não os apagou;
Foram eles, quem nos atraíçooou;
Foram eles, quem nos aniquilou.
Nós, fomos eles.

Esteve nas nossas mãos impedi-los.
Não o fizemos. Talvez, não o quisemos.
Agora estes quatro
invocarão os outros três,
pois este é o seu propósito:
são estafetas, anunciadores da desgraça.

Rapidamente, a eles se juntará
o arco branco⁵,
a grande espada vermelha⁶
e a balança preta⁷,

⁵ Conquistador – Cavaleiro do Apocalipse (Bíblia)

⁶ Guerra – Cavaleiro do Apocalipse (Bíblia)

por último.
Agora... nada mais há a fazer.

Contudo, falta um.
Quanto mais perto a carruagem está,
mais depressa parece andar.
Porque é que tinham de a acordar?
E o céu cada vez mais brilhante e saturado
e as nuvens expandem-se
e sobre si próprias dobram-se.
O céu parece explodir em chamas.

Os cavaleiros pararam.
A carruagem estacou.
A poeira assentou.
A porta abriu.
E o céu parou.

Tudo perdeu a cor.
E nesta visão monocromática,
um pé saiu da carruagem.
Uma figura alta e luminosa pisa agora o solo.
Estranha figura esta:
quando não a olho directamente, é um belo anjo branco,
mas quando a olho, torna-se num vulto negro encapuçado e
ameaçador.

Este é o derradeiro cavaleiro.
Aquele que faltava.

“Foi-lhe dado poder para usar qualquer meio para matar”
e assim o fará.

⁷ Fome/Desgraça - Cavaleiro do Apocalipse (Bíblia)

Levantou o capuz.
A pouca luz
que incidiu sobre o seu rosto sereno,
mostrava uma face humana.
E com um gesto,
não tão lento quanto seria de esperar...
Ceifou-nos. Colheu-nos.

Maduros demais.

(*anotado*) 08 / Julho / 2008
(*acabado*) 01 / Setembro / 2008

Profecia

“O Homem é o único ser vivo racional”.
Uma frase que não deixa de ter a sua piada.
Achas-te mesmo inteligente?
Sinceramente...
Pára por um instante.
Olha à tua volta e repara nas tuas acções.
Racional?
Poupa-me...

Uma dádiva dos céus, dizes tu?
Uma maldição, digo-te eu.
Essa tua mente atraíçoar-te-á,
porque (como sempre)
não saberás utilizá-la devidamente.

A sentença foi proferida.
O juiz foste tu mesmo.

Vais extinguir-te,
de livre vontade.
O calor vai apertar.
A água vai subir.
Para onde irás?
Onde cultivarás?
Depressa a fome vai apertar.
A fome levará à guerra,
pois é aquilo que melhor fazes.
E aí, nada mais haverá a fazer.
O que não está inundado,
está agora destruído.

A miséria vai aumentar.
As doenças vão crescer,
a água escassear.
E a morte ansiada chegará finalmente
para pôr fim a tanto sofrimento.

Eles avisaram-te.
Eu avisei-te.
Várias vezes.

Para que queres os olhos,
se os fechas em teu redor?
Para que queres a mente,
se não a usas correctamente?
Para que queres a vida afinal?

Vais desaparecer
e nessa altura vais compreender
– quando tudo voltar ao normal;
quando as minhas florestas e oceanos
engolirem por completo as tuas cidades;
quando os meus ventos
apagarem a última das tuas marcas –
que não fazes realmente falta.

04 / Setembro / 2008

Índice

Ler antes de ler	3
Eu próprio, descrito por mim mesmo	5

Emoções

Dia especial	11
Mulher	12
Adore-te	15
«Sinto-me feliz»	17
O primeiro mês	18
Se... ..	19
«És a melhor do mundo»	21
Não o direi	22
Conflitos	24
Devaneios nocturnos	27
Desde que seja tarde demais	29

Reflexões

O que é o Amor?	33
Namoro	36
Problema dos A's	37
Subtilezas	38
Matemática do amor	40
Amor dos Astros	41
<i>Beginning of the end</i>	44
Música que m'enlouquece	45
«Vida de estudante»	47
Férias	51
Tempo	53
O amor torna qualquer um poeta	54
Moda mandante	55
Eu sou para quem?	56
Diferente do Igual	57
Alguém me viu?	59
O drama da folha branca	60
É pedir muito?	61
Não sejam o que são	63
Tributo à amiga	64
Tributo ao sonho	65

«O ser humano é um ser curioso»	66
Pena da pena	68
Estou confuso	70
Ladrão que rouba ladrão	71
Além-Tejo	73
Coração chuvoso	75
«É doloroso escrever»	76
Desabar	77
Sem se ver, sem uma lágrima verter	78
Guerra	79
Vidas de sonho	81
Poema aos esquecidos	83
Quarto Minguante	87
<i>The End</i>	89
Profecia	95